

# *A aquisição ortográfica das vogais do português: Relações com a fonologia e a morfologia*

---

Ana Ruth Moresco Miranda

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - Brasil

## **Resumo**

Neste estudo, a produção de crianças em fase de aquisição/aprendizagem da escrita é analisada, especificamente dados relacionados à grafia das vogais átonas finais do português brasileiro. São feitas referências à fonologia das vogais átonas (Câmara Jr., 1970); ao status morfológico desses segmentos (Harris, 1991); e a dois estudos sobre aquisição das vogais (Alcântara, 2005 e Rangel, 2002). Os resultados mostram que as crianças tratam de modo distinto em suas grafias o 'e' e o 'o', possivelmente por influência da diferença relativa ao estatuto morfológico dessas vogais.

**Palavras-chave:** aquisição da escrita; ortografia e fonologia; ortografia e morfologia; vogais átonas

## **Abstract**

In this paper, the production of the children in the literacy period is analyzed, specifically data related to the final unstressed vowel of the Brazilian Portuguese system. The discussion about the unstressed vowel phonology (Câmara Jr., 1970), the morphological status of these segments (Harris, 1991), and two vowel acquisition studies (Alcântara, 2005 and Rangel, 2002) are presented. The results show that children treat differently the 'o' and the 'e' in their written production, possibly due to the influence of the difference of the morphologic status of these vowels.

**Keywords:** acquisition of writing, spelling and phonology; spelling and morphology; unaccented vowels

## INTRODUÇÃO

A escrita inicial das crianças é uma fonte extraordinária de dados que, ao serem analisados e interpretados, podem contribuir para uma melhor compreensão a respeito dos conhecimentos que elas já possuem sobre a sua língua materna. O erro ortográfico neste estudo está sendo tomado como o dado que pode auxiliar aqueles que estudam a aquisição da linguagem a desvelar o saber construído pela criança a partir da sua experiência lingüística.

A aquisição do conhecimento da língua pela criança revela a plasticidade de um processo que pode ser observado a partir dos sinais de reestruturação das representações subjacentes, à medida que as crianças adicionam e descartam regras às suas gramáticas ainda em construção. De acordo com Kiparsky e Menn (1979:75), a criança, ao aprender a fonologia de sua língua, se depara com dois importantes problemas: o primeiro é relativo ao limite de sua capacidade fonética à qual o output adulto deve se adequar; o segundo, ao problema de aprender regularidades abstratas do sistema fonológico. Esses problemas, no entanto, são solucionados, segundo os autores, a partir de uma habilidade cognitiva para a construção de gramáticas comum a todas as crianças.

Não menos complexos são os obstáculos que precisam ser transpostos pelos aprendizes durante o processo de apropriação do sistema de escrita de sua língua, período em que eles são compelidos a ultrapassar seus limites cognitivos e a cumprir uma tarefa básica que é a de compreender a estrutura própria do sistema de escrita. Segundo Ferreiro, (1987), para que isso ocorra, a criança precisa antes perceber as letras como objetos substitutos e, mais adiante, estabelecer relações entre a língua oral e os sinais gráficos, o que irá ocorrer a partir de uma sucessão de novas hipóteses engendradas graças à ação do sujeito sobre o novo objeto de conhecimento.

Devemos considerar também que experiências prévias são comumente ativas para a resolução de novos desafios cognitivos; isso significa dizer que, ao se apropriar do sistema de escrita, a criança poderá lançar mão do conhecimento já construído sobre o sistema de sua língua materna. Os estudos sobre o desenvolvi-

mento da escrita da criança têm revelado movimentos cognitivos semelhantes àqueles observados na aquisição oral, pois a criança, assim como o faz durante a aquisição da gramática da língua, formula hipóteses sobre escrita e, de conflito em conflito, vai reestruturando o seu conhecimento em direção ao sistema de representação escrita padrão.

Neste estudo, procuraremos estabelecer relações entre aspectos lingüísticos relativos à fonologia e à morfologia da língua e as hipóteses subjacentes aos erros ortográficos encontrados na escrita infantil, focalizando, especialmente, a grafia das vogais átonas finais do português. É importante salientar que esse estabelecimento de relações parte da certeza de que, embora os processos de aquisição, oral e escrita, tenham especificidades, não se pode ignorar que entre ambos há fortes conexões e são elas as responsáveis pela ocorrência de “vazamentos” do conhecimento lingüístico da criança, os quais podem ser observados em erros que envolvem tanto aspectos segmentais como prosódicos.

Para Abaurre (1999:172), seria ingênuo afirmar que a escrita inicial está “colada” na oralidade, assim como que há independência total entre o oral e o escrito. Nesse sentido, segundo Miranda (2007),

“a idéia de possíveis “vazamentos” parece ser apropriada uma vez que, durante a aquisição da escrita, se observa um processo extremamente complexo que, entre outras coisas, permite à criança a tomada de consciência a respeito do conhecimento tácito e inconsciente relativo à gramática da sua língua, a competência no sentido chomskyano do termo”.

Ao abordarmos aspectos da aquisição ortográfica, estaremos focalizando o estágio alfabético do processo de desenvolvimento da escrita<sup>1</sup>. Nesse período, os obstáculos conceituais enfrentados pelas crianças nos períodos iniciais dessa nova aquisição já foram transpostos, o que significa dizer que, nessa etapa do desenvolvimento, a criança entende o princípio do sistema alfabético, segundo o qual um som corresponde a um símbolo (Ferreiro e Teberosky, 1982).

Neste trabalho, serão retomados alguns aspectos da fonologia das vogais, seguindo Câmara Jr. (1970), além da discussão relativa ao status das vogais átonas de final de palavra, especialmente com base na proposta de Harris (1991) para dar conta dos elementos terminais ou marcadores de palavra dos nomes, uma vez que as vogais átonas finais, cuja grafia está em foco, correspondem a esses elementos. Também referência será feita a estudos de aquisição das vogais (Rangel, 2002; Alcântara 2005) e resultados da análise de dados da escrita infantil serão apresentados. Começamos.

porém, mencionando os aspectos relativos à metodologia, especialmente referências aos sujeitos, à coleta de dados e à constituição das amostras a serem analisadas.

### **SOBRE OS DADOS DE ESCRITA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para este estudo, foram analisadas duas amostras: uma constituída de dados retirados de textos espontâneos e outra, de grafias de palavras desconhecidas ou inventadas. A primeira amostra é composta por palavras extraídas de, aproximadamente, 400 textos espontâneos, pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição Escrita da Faculdade de Educação da UFPel<sup>2</sup>. Esses textos foram produzidos por crianças com idades entre seis e nove anos que cursavam, à época das coletas, a primeira e a segunda série do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

A segunda amostra é constituída por dados obtidos a partir de dois ditados preparados especialmente para os estudos que estamos desenvolvendo relativamente às grafias das vogais átonas, dos ditongos e de algumas consoantes, especificamente aquelas que obedecem a regras contextuais. Os ditados foram aplicados às quatro primeiras séries da mesma escola municipal já referida<sup>3</sup>.

O primeiro ditado adaptado de Nunes (2003) foi realizado tendo como base um texto com lacunas que deveriam ser preenchidas com palavras inventadas que se repetiam e iam sendo ditadas à medida que o texto ia sendo lido. O segundo, a partir de uma lista de 10 palavras inventadas ou desconhecidas das crianças. Para a escolha da forma das palavras, foram consideradas variáveis tais como o número de sílabas e os contextos adjacentes.

Os ditados com palavras inventadas servem para que possamos obter dados diferentes daqueles recolhidos a partir da escrita espontânea. São diferentes no sentido de que é possível um maior controle sobre aquilo que se quer observar e, além disso, esse tipo de ditado permite a captação de um dado que não sofre a interferência de conhecimentos prévios da criança, especialmente aqueles advindos da experiência que ela já possui com as formas escritas da língua.

---

### **SOBRE O SISTEMA VOCÁLICO DO PB:**

## UM POUCO DA FONOLOGIA DAS VOGAIS ÁTONAS

O sistema vocálico do português brasileiro (PB) é composto de sete fonemas vocálicos que, segundo Câmara Jr. (1970), contrastam na posição tônica, como se pode observar em (1), conjunto mínimo no qual a alteração do segmento vocálico acarreta mudança de significado.

(1)

s/i/co	s/u/co
s/e/co	s/o/co
s/ɛ/co	s/ɔ/co
s/a/co	

Nos exemplos em (1), a alternância observada restringe-se à posição tônica. Já nas posições não tônicas, o que se verifica é uma assimetria que envolve ora as vogais médias, /e/-/ɛ/ e /o/-/ɔ/, ora as médias e as altas /e/-/i/ e /o/-/u/. Ocorre, no sistema, uma neutralização que elimina o contraste existente entre esses fonemas quando estão na posição átona e também diante de consoantes nasais. Isso significa dizer que nas sílabas átonas o sistema de vogais apresenta um número reduzido de contrastes fonológicos.

No caso do sistema pretônico, desaparece a oposição entre as vogais médias e o sistema reduz-se a cinco vogais. Essa redução pode ser observada nas diferentes formas dialetais brasileiras, quando ‘b[ɛ]leza’ alterna com ‘b[e]leza’ e ‘p[ɔ]breza’ com ‘p[o]breza’, nos falares do nordeste e do sul do país, por exemplo; e em formas harmônicas como ‘v[i]stido’ e ‘c[u]stume’, em vez de ‘v[e]stido’ e ‘c[o]stume’, respectivamente.

O sistema átono final, por seu turno, reduz-se a 3 fonemas e temos então formas que podem se alternar como ‘sac[o]’~‘sac[u]’ e ‘set[e]’~‘set[i]’. Nesses contextos, a oposição se restringe às vogais altas e à vogal baixa. Os correspondentes morfológicos dos fonemas que ocupam essa posição são as tradicionalmente chamadas vogais temáticas, –o, –a e –e.

## SOBRE OS RESULTADOS ENCONTRADOS NOS DADOS DE ESCRITA

A primeira amostra a ser analisada é constituída por dados extraídos de textos espontâneos. Foram analisados textos de primeira e segunda série e os erros refe-

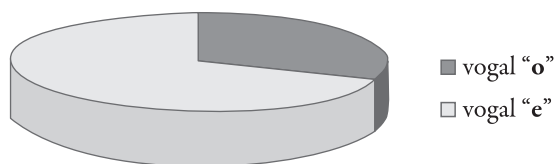
rentes à grafia das vogais foram categorizados de acordo com os seguintes critérios: a) vogal envolvida; b) posição na palavra (pretônica, postônica não-final e postônica final); c) tipo de alteração; e d) categoria da palavra (clítico ou palavra fonológica).

Ainda que neste estudo o foco esteja posto sobre a grafia das vogais médias de final de palavra, faremos menção aos resultados referentes às alterações encontradas na grafia das vogais átonas de posição pretônica, aquela que, segundo Miranda (2006), se mostra mais suscetível ao erro ortográfico, não somente por se tratar de uma posição em que a alternância entre vogais altas e médias, característica da fonologia do português, se observa; mas porque envolve um caso de regra ortográfica arbitrária, isto é, um tipo de escolha ortográfica que não pode ser prevista contextualmente pelo usuário da língua. Grafias como ‘siguro’, ‘vistido’ e ‘piqueno’, para ‘seguro’, ‘vestido’ e ‘pequeno’, por exemplo, são facilmente encontradas nos dados.

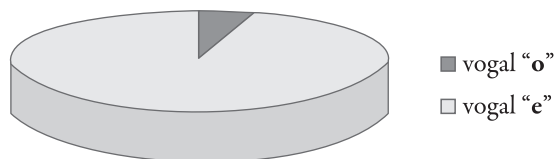
A instabilidade da vogal pretônica, herança do português antigo, foi estudada por Bisol (1981) e, de acordo com a autora, é decorrente da aplicação de uma regra variável que modifica a qualidade da vogal média alta. Os dois primeiros exemplos recém citados, extraídos dos dados de escrita estudados, ilustram um fator que, segundo a fonóloga, beneficia o processo harmônico na pronúncia dos falantes, a saber: vogal tônica alta no contexto seguinte. Já o último exemplo, refere-se ao que Bisol (1981) tratou como caso de levantamento da pretônica, um tipo de situação em que a consoante adjacente, nesse exemplo uma labial, influi na mudança vocálica.

São encontrados nos dados, também com certa frequência, erros relacionados à grafia da vogal final de clíticos. Os clíticos são elementos que, por não possuírem acento prosódico próprio (pronominais como *me, te, se, lhe*; e palavras funcionais *e, o* ou combinações *do, no*), tendem a se integrar a vocábulos contíguos. Nos dados de escrita estudados, é comum a grafia de clíticos resultar em formas hipossegmentadas, como mostra o estudo de Cunha (2005), o qual foi desenvolvido a partir de dados pertencentes ao mesmo Banco de Textos que ora analisamos.

Os resultados apresentados nos Gráficos 1 e 2, a seguir, são relativos aos erros de grafia das vogais médias finais encontrados em palavras fonológicas. Esses erros, na sua totalidade, consistiram na troca de ‘o’ e ‘é’, grafias que estão em consonância com o sistema ortográfico, por ‘u’ e ‘i’, grafias relacionadas à pronúncia dos falantes da região em que os dados foram coletados.



**Gráfico 1:** Distribuição dos erros de grafia das vogais átonas finais – 1ª série.

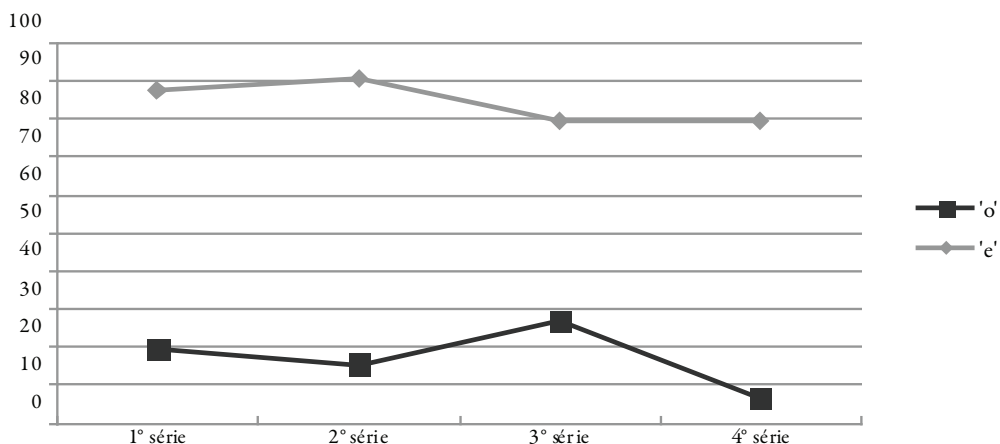


**Gráfico 2:** Distribuição dos erros de grafia das vogais átonas finais – 2ª série

Vale salientar que optamos por não incluir os clíticos na computação de erros na grafia das vogais átonas finais, a qual resultou nos percentuais utilizados para gerar os gráficos recém apresentados, 30.76% para ‘o’ e 69.23% para ‘e’ na 1ª série; 4.65% para ‘o’ e 95.35% para ‘e’ na 2ª série. Essa decisão decorre do fato de entendermos que, para incluí-los, teríamos de discutir o status dessas formas relacionando-as àquelas grafias estudadas por Cunha (2005), as quais envolvem hiposegmentações, como ‘ticomer’ para ‘te comer’, por exemplo. De qualquer modo, vale a pena referir que, se computados, não teríamos alterações significativas em termos percentuais, pois os resultados seriam exatamente os mesmos em relação aos dados da 1ª série e levemente diferentes no que diz respeito aos dados da 2ª, 9.58% para ‘o’ e 90.42% para ‘e’.

É possível verificar, considerando-se esses resultados, que a maior quantidade de erros incide sobre a grafia da vogal coronal, tanto na 1ª como na 2ª série. Não foram verificados casos de supergeneralização, isto é, grafias em que se verificasse a substituição de ‘u’ e ‘i’ por ‘o’ e ‘e’, respectivamente. Isso porque, nas formas nominais, o uso das letras ‘e’ e ‘o’ nessa posição pode ser caracterizado como sendo definido por regra contextual, pois, exceto por um conjunto reduzido de itens lexicais<sup>4</sup>, no qual estão incluídas palavras como ‘lazúli’, ‘báli’ e ‘dândi’, por exemplo, o sistema ortográfico seleciona sistematicamente as letras ‘e’ e ‘o’.

O primeiro ditado de palavras a partir do qual as crianças deveriam preencher as lacunas do texto gerou 3017 contextos para a grafia de ‘e’ e ‘o’ na posição átona final (1810 para ‘e’ e 1707 para ‘o’). Foram submetidas ao teste 91 crianças que cursavam uma das quatro primeiras séries da mesma escola municipal onde os textos espontâneos, anteriormente apresentados, foram coletados. O resultado da computação dos dados obtidos está apresentado no Gráfico 3.



**Gráfico 3:** Distribuição de erros – Grafia da átona final

Como podemos verificar no Gráfico 3, o número de erros envolvendo a vogal coronal alcança índices que se mantêm entre os oitenta e os noventa por cento. Já aqueles relativos à grafia da vogal posterior ficam em torno dos vinte por cento. Essa tendência, que se verifica em todas as séries estudadas, vai ao encontro daquela observada na análise dos erros encontrados nos textos espontâneos.

A análise dos resultados do segundo ditado de palavras inventadas, aplicado às primeiras séries da mesma escola em períodos diferentes, apresentou resultados que corroboram, em parte, aqueles já referidos a partir da análise das duas outras amostras. A seguir, em (2), podemos conferir os resultados:

(2)

	1ª série		2ª série		3ª série	4ª série	
VOGAL 'O'	10/110	9,09%				6/133	4,51%
VOGAL 'E'	53/62	85,48%	6/72	8,3 %		35/66	53,2%

Podemos observar que os erros relativos à grafia do 'e' preponderam na primeira série, 85% contra 9% referente à grafia do 'o'. Na segunda e na terceira série, há uma diferença em relação às outras amostras, visto que o percentual de erros relativos ao 'e' é bastante baixo na segunda série, 8%; e não há nenhum erro para 'o', assim como erros não foram encontrados nos dados da terceira série. Na quarta série, porém, surge um dado novo, não observado até então, pois, além da substituição de



‘e’ por ‘i’, foram encontradas 10 grafias na produção de diferentes alunos nas quais a vogal final foi simplesmente suprimida resultando em formas como ‘beforr’, ‘pirrat’ e ‘feret’, curiosamente, formas lexicais com estruturas que apresentam um tipo de coda silábica não atestada na língua.

Se pensássemos apenas na relação ortografia/fonética ou ortografia/fonologia, ficaríamos sem resposta para esses resultados discrepantes. Isso porque, em termos fonético-fonológicos, temos uma neutralização no sistema, cuja consequência é a alternância entre vogais médias e altas nessa posição, sejam elas coronais ou labiais, e não haveria, portanto, motivos para tamanha diferença na performance das crianças no que diz respeito à grafia de ‘o’ e ‘e’ como mostram os resultados obtidos.

Além disso, em se tratando da ortografia, temos uma regra contextual para a grafia de ambas as vogais e, conforme já mencionado, o sistema opta pelo uso das letras ‘e’ e ‘o’, correspondentes às vogais médias. Assim, a aplicação da mesma regra contextual resolveria dúvidas em relação à grafia tanto da vogal coronal como da labial.

Assim, a partir dessas observações, no mínimo três questões podem ser formuladas:

a) Por que esse tratamento diferente às vogais se, em termos de funcionamento da fonologia da língua, elas se assemelham, isto é, sofrem neutralização?

b) Por que o número de erros na grafia do ‘o’ é significativamente menor do que aquele encontrado na grafia do ‘e’?

c) Por que as crianças, especialmente diante da tarefa de grafar uma palavra desconhecida, utilizam o ‘i’, vogal que, assim como o ‘u’, quase nunca é selecionada pelo sistema de escrita?

Um possível modo de resposta pode estar relacionado ao fato de ser o ‘o’ átono final um marcador de palavra, ou seja, um segmento portador de traços morfológicos, enquanto ao ‘e’, que não tem estatuto morfológico, resta o caráter de consoante epentética, da qual o aprendiz pode, inclusive, prescindir. O exame da proposta de Harris (1991) para a morfologia das formas nominais do espanhol, pertinente para a análise do português<sup>5</sup>, pode oferecer uma alternativa para que possamos compreender melhor os resultados dos dados de escrita apresentados.

## **SOBRE A FORMAÇÃO DO NÃO-VERBO: UM POUCO DA MORFOLOGIA DOS MARCADORES DE PALAVRA**

De acordo com Câmara Jr. (1970), as vogais temáticas, juntamente com a raiz, são a forma básica dos nomes do português. Essa classe de palavras divide-se em temáticas e aтемáticas. Para Câmara Jr. (1970:86), assim como para Luft (1974:92), as palavras aтемáticas limitam-se aos casos oxítonos do tipo ‘*alvará*’, ‘*candomblé*’, ‘*noitibó*’, ‘*urubu*’, ‘*tupi*’. Bisol (1992) e Moreno (1997), porém, defendem que, além daquelas terminadas em vogal tônica, são consideradas aтемáticas as palavras em cuja posição final há uma consoante, proposta já defendida por Harris (1983, 1991) em seu estudo sobre o espanhol, no qual o autor inclui também, no rol das aтемáticas, palavras terminadas em *-e* átono.

Para Harris, o *-e* final de palavras como ‘*padre*’ e ‘*lebre*’, por exemplo, só é incorporado ao molde da palavra porque as seqüências *-dr* e *-br* não constituem uma coda permitida na língua. Se, por outro lado, o léxico apresenta vocábulos como ‘*prole*’ e ‘*mole*’, tais palavras, diz o autor, superficializam-se com este *-e* imprevisível porque são lexicalmente marcadas. O número reduzido de palavras terminadas em *-e* átono seguindo as consoantes líquidas (‘*r*’ e ‘*l*’) e nasais (‘*m*’ e ‘*n*’) sustenta sua hipótese<sup>6</sup>.

A fim de marcar a diferença existente entre os elementos vocálicos que completam o radical de nomes e de verbos, classificados por Câmara Jr. (1970) e Luft (1974) como vogal temática (VT), Harris (1991) propõe uma nomenclatura alternativa. Para ele, no caso dos nomes, a vogal final, pelas suas características peculiares, é um Marcador de Palavra (MP). Dessa forma, torna-se mais clara a diferença entre a vogal que completa o radical do nome e aquela que completa o do verbo, uma vez que a presença de um MP caracteriza uma palavra completa derivacional e flexionalmente, constituindo-se em uma propriedade morfológica primária.

O estudo de Harris (1991) propõe também representações formais independentes para domínios tais como: marcador, gênero e sexo. O gênero gramatical é representado, segundo o autor, por uma marca de gênero privativa [f], proposta semelhante àquela feita duas décadas antes por Câmara Jr. (1972). Segundo Harris, o funcionamento do gênero, para que possa ser entendido, deve ser observado sob dois aspectos: 1) cada uma das categorias de palavras que possui marcador (Nome, Adjetivo, Advérbio, Pronome e Determinante) leva a generalizações particulares;

2) os vocábulos nominais, que no espanhol apresentam como marcador de palavra qualquer uma das vogais, opcionalmente seguidas de *-s*, podem ser divididos em três classes hierarquicamente relacionadas, a saber: a) núcleo interno (*inner core*); b) núcleo externo (*outer core*); c) resíduo (*residue*). As duas primeiras classes contêm os casos não-marcados e a última, os marcados. Uma ilustração de sua proposta, com dados do português, está em (3):

(3)

Núcleo interno		Núcleo externo		Resíduo
masc.	fem.	masc.	fem.	
filho	filha	padre	mulher	problema
porto	porta	mar	lebre	tribo

Conforme a classificação de Harris (1991:32), na classe dos chamados protótipos, ou núcleo interno, há uma regularidade entre o marcador de palavra e o gênero, pois os marcadores *-o*, e *-a* coincidem com masculino e feminino, respectivamente. Na classe dos casos considerados pelo autor como levemente desviantes, pertencentes ao núcleo externo, estão aquelas palavras consideradas sem marcador. Na terceira classe, a residual, estão contidas as palavras que não fazem parte do núcleo, palavras masculinas com marcador *-a* e palavras femininas com marcador *-o*<sup>7</sup>.

Quanto à identificação das classes flexionais, Harris (1991:29) propõe, como Câmara Jr., que elas sejam também identificadas privativamente. O grupo de palavras terminadas pelo marcador *-o* constitui a classe '*default*', não possui, pois, qualquer marca lexical. Há ainda dois outros grupos: um terminado por *-a*, que recebe a marca ]<sub>a</sub>; e outro sem marcador, que recebe a marca ]<sub>o</sub>. A proposta de Harris (1991) evidencia a diferença entre o marcador de palavra *-o* e o elemento preenchedor *-e*, enquanto o primeiro é portador de informação morfológica, o último, quando não vier lexicalmente determinado, possui apenas a função de contribuir para a boa-formação da sílaba.

## SOBRE AS VOGAIS ÁTONAS FINAIS: DOIS ESTUDOS DE AQUISIÇÃO

Os estudos de Alcântara (2005) e Rangel (2002), ambos sobre aquisição das vogais, trazem dados que podem ajudar a aclarar os fatos referentes às grafias das crianças estudadas.

Na linguagem infantil, ainda que de forma episódica, são encontrados dados em que a vogal átona final pode ser substituída. Nessa posição, o sistema apresenta contraste somente entre as vogais altas /i, u/ e a vogal baixa /a/ e, por efeito dessa neutralização, observa-se variação, sobretudo entre as altas e as médias. Alcântara (2005:199), ao estudar a aquisição fonológica com o objetivo de verificar o que fazem as crianças em relação aos marcadores de classe de palavra, observou alguns casos de substituição da vogal coronal /e/ pela dorsal /o/, conforme podemos observar nos exemplos analisados pela autora e reproduzidos a seguir<sup>8</sup>:

(4)

Matheus	(2:9)	[ˈkẽ <sup>n</sup> tu]	‘quente’
Priscila	(2:2)	[ˈdẽ <sup>n</sup> tu]	‘dente’

Dados de aquisição como esses coexistem com outputs em que a vogal coronal é pronunciada, isso significa dizer que formas como as que estão em (4) não são sistematicamente produzidas pelas crianças. No entanto, independentemente de seu caráter esporádico, tais dados podem ser considerados vestígios que, interpretados à luz da proposta de Harris, podem desvelar uma parcela do conhecimento morfológico que está sendo construído pela criança. Para Alcântara (2005), esse tipo de substituição pode ser explicado pelo fato de ser o /o/, pertencente ao núcleo interno, a classe menos marcada e que abarca o maior número de vocábulos da língua. Para ela, o fato de as crianças produzirem, no início do processo de aquisição, formas como ‘dento’ e ‘quento’, para ‘dente’ e ‘quente’, pode indicar que estão direcionando os respectivos radicais dessas palavras ao núcleo interno, onde está a classe não-marcada para masculino. Dessa forma, adjetivos invariáveis como aqueles em (4) que teriam, de acordo com Harris (1991), um ‘e’ epentético final estão sendo possivelmente interpretados pelas crianças como adjetivos biformes<sup>9</sup>.

O estudo de Rangel (2002), específico sobre a aquisição das vogais do português, mostra, entre outros resultados, o comportamento das crianças no que concerne à pronúncia das vogais átonas finais. A autora investigou longitudinalmente

a produção de três crianças, com idades entre 1:4 e 1:11, e verificou que em certos momentos elas apresentavam uma variação no output relativa à produção das vogais na posição postônica final. Os resultados probabilísticos encontrados são de .93 e .80 no que diz respeito à neutralização da coronal e da dorsal, respectivamente. Isso quer dizer que as crianças mostram uma tendência maior à alternância entre [o]~[u] do que entre [e]~[i], ou seja, nos casos em que a vogal analisada é a dorsal, há uma maior probabilidade de emergência da vogal média. Alguns dos exemplos apresentados pela autora estão reproduzidos em (5):

(5)

[ 'uso ] 'urso'      [ 'kɛrɔ ] 'quero'      [ 'iʃɔ ] 'isso'      (1:4)

[ 'kaʒɔ ] 'carro'      [ ku 'elo ] 'coelho'      (1:5)

[ 'bolo ] 'bolo'      [ pe 'pino ] 'pepino'      [ 'uso ] 'urso'      (1:7)

A vogal dorsal, nos dois estudos referidos, apresenta comportamento distinto, em se comparando à coronal. De acordo com Rangel (2002), o [o] é um output encontrado na posição em que o [u] seria esperado, enquanto a vogal coronal é majoritariamente produzida como vogal alta e são raros os casos verificados em que o output é [e]. Para Alcântara (2005), por seu turno, palavras terminadas em –e são mais suscetíveis a alterações, as quais resultam na emergência da vogal dorsal; já o contrário, isto é, casos em que uma coronal substitui uma dorsal, não se observam em seus dados. Ambos os fatos mencionados – a emergência de uma vogal média [o] na fala de crianças muito pequenas que têm como input o [u] e a ocorrência de substituição da vogal final, sugerindo uma preferência pela labial em detrimento da coronal – apontam para a influência da morfologia sobre a grafia dessas vogais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, a idéia segundo a qual a criança tende a confrontar o conhecimento que está a adquirir com outro de natureza semelhante, neste caso a linguagem escrita e a linguagem oral, respectivamente, serviu de base para o estudo realizado. Acreditamos que a partir da observação do processo de interação entre o conheci-

mento que a criança possui e aquele que está sendo construído pode surgir um campo profícuo para o estudo tanto do processo de apropriação da escrita como de aspectos relacionados a discussões que se desenrolam no campo da fonologia e da morfologia. Os erros ortográficos analisados neste estudo são compreendidos e interpretados como decorrentes da relação entre aspectos da fonologia/morfologia e da ortografia e, conseqüentemente, das relações que a criança estabelece entre seu conhecimento lingüístico e o novo sistema em construção.

No que diz respeito à grafia das vogais, os estudos sobre a aquisição da escrita têm mostrado que, em fase inicial de escolarização, as crianças tendem a cometer “erros” cuja motivação pode ser compreendida em função do tipo de relação existente entre a fonologia/morfologia das vogais e sua ortografia. Neste trabalho, em que dados relativos à grafia das vogais postônicas finais foram analisados, três questões emergiram a partir dos resultados encontrados: uma, relativa à diferença na performance das crianças: os erros para grafia do ‘e’ aparecem com maior freqüência que os erros para a grafia do ‘o’, ainda que, em termos de funcionamento da fonologia da língua, elas se assemelhem, porque ambas sofrem a neutralização e são, no nosso dialeto, pronunciadas como vogais altas; outra, relacionada à primeira, referente ao motivo por que o número de erros na grafia do ‘o’ é significativamente menor do que aquele encontrado na grafia do ‘e’; por fim, uma última questão sobre as grafias de palavras desconhecidas nas quais as crianças utilizam, preferencialmente, o ‘i’.

A presença de traços morfológicos no ‘o’ e o estatuto de vogal epentética do ‘e’, seguindo a proposta de Harris (1991), são possíveis respostas às questões recém mencionadas. Considerando essa proposta, podemos dizer que parece ser a informação morfológica contida no marcador de palavra, e não aspectos exclusivos da fonologia, o fator responsável pela aquisição, de certo modo, precoce da grafia correta para a vogal dorsal em posição átona final. Já a preferência pelo ‘i’ para a grafia das palavras desconhecidas parece estar estreitamente relacionada ao fato de ser o [i] a vogal epentética por excelência no português brasileiro.

É importante salientar que o uso de palavras inventadas para testar as hipóteses das crianças pode trazer resultados significativos que contribuem para a análise de dados obtidos na escrita espontânea; isto porque a palavra inventada, por sua surpresa, empresta ao sujeito uma maior liberdade para experimentar com as formas da língua. Os resultados dos ditados apresentados nesse estudo não só corroboraram os dados de escrita espontânea como revelaram, através dos comportamentos veri-

ficados, a estranheza das crianças da quarta série diante da tarefa de grafar palavras que teriam um ‘e’ átono final, as quais foram grafadas sem a vogal e resultaram em formas com terminações não verificadas na língua, fato que pôde ser interpretado como uma decorrência do tratamento diferenciado às vogais que têm comportamento semelhante na fonologia.

Os dados de aquisição fonológica mencionados, os casos de substituição referidos por Alcântara (2005) e a alternância das átonas finais analisada por Rangel (2002), são relevantes para esse estudo à medida que mostram o comportamento diferente das crianças em relação a um e outro segmento. Embora nos dados de escrita estudados não tenham sido verificadas substituições como aquelas recém referidas, a diferença de tratamento em relação às vogais com tendência à preservação do ‘o’ e ‘ maior instabilidade do ‘e’ são aqui consideradas como indícios capazes de acrescentar argumentos à proposta de Harris (1991) para as vogais terminais, tradicionalmente chamadas vogais temáticas. Nesse sentido, voltar os olhos para a morfologia ou, como diz Alcântara (2005), para os traços morfológicos, não apenas ajuda a enxergar as pistas de um conhecimento sobre a morfologia da língua como também, numa via de mão dupla, empresta argumentos de natureza psicolinguística para a proposta das classes formais.

## NOTAS

<sup>1</sup> Estamos considerando nesse trabalho a proposta de Ferreiro e Teberosky (1982) no que diz respeito à existência de estágios cognitivos referentes à conceitualização da escrita.

<sup>2</sup> Os 2020 textos que compõem o Banco foram coletados no período de 2001 a 2004 pelas bolsistas de iniciação científica Michelle Vieira (PIBIC-CNPq), Michelle Silva (PIBIC-CNPq) e Sabrina Medina (FAPERGS). As coletas foram feitas a partir de oficinas de produção textual preparadas pelo grupo de pesquisa em duas escolas da cidade de Pelotas, uma pública e outra particular. As oficinas obedeceram sempre a três etapas: o aquecimento que visava a preparação para a escrita, a produção propriamente dita e socialização dos textos no grupo.

<sup>3</sup> Os ditados, aplicados pelas bolsistas de iniciação científica, Pâmela Araújo (PIBIC-CNPq) e Miriam Álvaro (FAPERGS), também foram precedidos por atividades de aquecimento.

<sup>4</sup> Uma busca no Aurélio Eletrônico revela que no léxico do português o número de paroxítonas e proparoxítonas, cuja grafia termina em ‘i’, não chega a 30 palavras. Em relação às grafias com ‘u’ final não temos exemplos na língua, à exceção da palavra ‘ninjútsu’ e de palavras terminadas em ditongo ‘eu’ ou ‘éu’.

<sup>5</sup> Miranda (2000) adota a proposta de Harris (1991) para sua análise dos vocábulos nominais do português.

<sup>6</sup> No português, à semelhança do espanhol, há um número reduzido de palavras desse tipo, não mais do que duas dezenas para cada uma das terminações mencionadas.

<sup>7</sup> Há poucas palavras que entram nessa classe; os exemplos são ‘libido’, ‘tribo’, ‘soprano’ e ‘virago’; além da escassa produtividade, essa classe tende a migrar para o núcleo.

<sup>8</sup> Alcântara (2005) apresenta também exemplos em que se observa a substituição do ‘e’ final pela vogal ‘á’, [‘fɔtɐ] para ‘forte’ (Michele, 2:6) e [‘gõndʒia] para ‘grande’ (Vitória, 2:9). Nesses casos se observa também uma migração das palavras do grupo externo para o núcleo interno.



<sup>9</sup> Se os substantivos a que os adjetivos em questão fazem referência fossem apresentados por Alcântara (2005), seria possível argumentar mais fortemente em favor dessa idéia. Os dados estudados pela autora constituem-se, no entanto, de palavras isoladas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques (1988). *The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representation*. European Journal of Psychology Education, v III, 4º, 415-430.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques (1999). Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (Org.) *Aquisição da linguagem – questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa (2005). A construção das classes formais do português por crianças brasileiras: uma proposta à luz da teoria da morfologia distribuída. In: LAMPRECHT, R. (Org.). *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*. Porto Alegre, v.1, n.1, 197-201.

BISOL, Leda (1981). *Harmonização vocálica : uma regra variável*. Tese de Doutorado, UFRJ.

BISOL, Leda (1992). Aspectos da fonologia atual. *Delta*, v.8, n.2, 263-283.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso ([1970] 1995). *Estrutura da língua portuguesa*. 23ª ed. Petrópolis: Vozes.

CUNHA, Ana Paula (2005). *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação (Mestrado em Educação) –Pelotas, UFPel.

FERREIRO, Emília (1987). Os processos construtivos de apropriação da escrita. In: FERREIRO, Emília e PALACIO, Margarida. (Orgs.) *Os processos de leitura e escrita – novas perspectivas*. 3ª ed. Porto Alegre : Artes Médicas. 102-123.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana (1999 [1984]). *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre : Artes Médicas.

HARRIS, James (1974). *Fonología generativa del español*. Espanha, Barcelona : Editorial Planeta,.

HARRIS, James (1991). The exponence of gender in Spanish. *Linguistic Inquiry*. V.22, 27-62.

JAKOBSON, Roman (1968). *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague : Mouton.

KIPARSKY, Paul e MENN, Lise (1979). On the acquisition of phonology. In: MACNAMARA, John (ed.). *Language learning and thought*. New York : Academic Press.

LUFT, Celso Pedro (1974). *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo : Globo.

MIRANDA, Ana Ruth (2000). *Metafonia Nominal: Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.

MIRANDA, Ana Ruth (2006). *Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português*. Anais da ANPEDSul – UFSM, Santa Maria.

MIRANDA, Ana Ruth (2007). *Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico*. In: LAMPRECHT, Regina (Org.). (no prelo).

MORENO, Carlos (1997). *Morfologia Nominal do Português*. Tese de Doutorado, PUCRS.

NUNES, Terezinha (1992). Leitura e escrita: processos e desenvolvimento. In: ALENCAR, E. (ed.). *Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino-aprendizagem*. São Paulo: Cortez.

RANGEL, Gilsenira de Alcino (2002). *Aquisição do sistema vocálico no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.